



A hibridização como estratégia de sobrevivência da agricultura familiar e suas implicações para a agroecologia: o caso da Rede Sabor e Saúde da Serra (MG)

Hibridization as family farmer's strategy for survival and its implications to agroecology: the case of Rede Sabor e Saúde da Serra

VALVASORI, Guilherme¹; CALIXTO, Juliana²

¹ Unicamp, guilherme.valvasori@gmail.com; ² IF Sudeste de Minas Gerais, juliana.calixto@ifsudestemg.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: Este trabalho é baseado na experiência da “Rede Sabor e Saúde da Serra”, coletivo que reúne produtores agroecológicos e em transição agroecológica da região de Muriaé (MG). Nele discutimos os caminhos encontrados pelos agricultores para superar desafios históricos da agricultura familiar, tal como a Revolução Verde e a inserção da produção em mercados cada vez mais competitivos. Para além da supressão da cultura e das práticas tradicionais da agricultura familiar em prol de uma cultura de mercado produtivista, nossas observações apontam que houve na região a hibridização entre os modelos de agricultura industrial e tradicional. Sugerimos que este processo de assimilação crítica fez parte de uma estratégia de sobrevivência e resistência de agricultores familiares em momentos de transformações profundas, e o consideramos um exemplo da capacidade de adaptação da agricultura familiar a contextos adversos. Também indicamos que ele também gera desafios para o avanço de pautas fundamentais para a agroecologia, tal como a diversidade da produção, a soberania alimentar, o cuidado com a terra e a autonomia dos agricultores.

Palavras-chave: agroecologia; agricultura familiar; hibridização; revolução verde; adaptação.

Introdução

A Rede Sabor e Saúde da Serra é formada por produtores de cinco municípios – Muriaé, Miradouro, Barão do Monte Alto, Eugenópolis e Laranjal – da Zona da Mata Mineira, na parte sul do território da Serra do Brigadeiro. Esta região é caracterizada pela agricultura familiar em pequenas propriedades, e referência nacional em produção agroecológica. A partir de um trabalho de assistência técnica realizado junto aos produtores da rede, foi possível construir um diagnóstico geral a respeito do grupo e compreender a história das famílias que hoje formam este coletivo. Entre outros elementos, este diagnóstico aponta os caminhos que os produtores da Rede Sabor e Saúde da Serra (MG) encontraram para viabilizar a sua produção e permanecer na terra durante um período histórico particularmente árduo para a agricultura familiar, desde a chegada da Revolução Verde até os dias de hoje. Neste trabalho, sugerimos que houve um processo de hibridização (CANCLINI, 1997) entre os modelos de produção agrícola industrial e tradicional. Acreditamos que este processo de assimilação crítica tenha feito parte de uma estratégia de sobrevivência e permanência nas terras para algumas famílias de agricultores. Além disso, elencamos as estratégias que os agricultores encontraram para viabilizar a sua



produção frente a desafios mais recentes, como a transição demográfica acentuada e a escassez de mão de obra. Finalmente, discutimos a compatibilidade entre essas soluções pragmáticas e os princípios da agroecologia.

Metodologia

Ao longo do projeto, que durou sete meses, foram visitadas 14 propriedades rurais, em cinco municípios da região de Muriaé (MG), localizados na zona da mata mineira – Muriaé, Miradouro, Barão do Monte Alto, Laranjal e Eugenópolis. Cada produtor recebeu em média duas visitas técnicas, ocasião em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pelas propriedades. Cada visita teve uma duração estimada de meio período, e foram realizadas no máximo duas visitas em um mesmo dia. O autor optou por não gravar as entrevistas e conversas, mas ao final de cada dia de trabalho era redigido um relatório com os principais pontos dos diálogos e visitas técnicas. Este documento, assim como o registro fotográfico das visitas, era compartilhado com os responsáveis pelo projeto de extensão para acompanhamento das atividades. Ao final do projeto, foi possível elaborar um diagnóstico geral a respeito do grupo, trabalho este que foi apresentado e discutido junto aos produtores da rede.

Resultados e Discussão

As entrevistas e diálogos com os agricultores revelaram que a eclosão de um movimento em prol de uma agricultura alternativa na região esteve ligada ao trabalho realizado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na década de 1980. O movimento Boa Nova surgiu como projeto de resistência ao avanço da Revolução Verde, que foi impulsionada pelo governo e pelas agências de assistência técnica a partir da década de 1970. A proposta das CEBs esteve historicamente ligada à organização e conquista de direitos para os trabalhadores rurais, assim como a luta contra os agrotóxicos (OLIVEIRA et al., 2018). Sob muitos aspectos, a Rede Sabor e Saúde é fruto deste movimento, e muitas pessoas que participaram das CEBs participam hoje da rede como produtores ou corpo técnico.

A chegada da Revolução Verde teve uma série de consequências negativas para os pequenos agricultores, dentre os quais destacamos a expulsão de grande parte da população do campo para as cidades, o endividamento dos produtores e a intoxicação de trabalhadores rurais por agroquímicos (ALIMONDA 2006; ALTIERI, 2009). No entanto, as práticas agrícolas registradas no grupo apontam que, para além da supressão de um modelo cultural tradicional em favor do modelo técnico-científico produtivista (ESCOBAR, 2011), ou de uma recusa do modelo agrícola industrial pelos agricultores, houve também a hibridização (CANCLINI, 1997) entre este pacote tecnológico e as práticas tradicionais que existiam anteriormente. Assumindo o risco da simplificação, podemos resumir a situação observada em campo da seguinte maneira. Os agricultores plantaram o café tal como foi incentivado pelo governo, com mudas padronizadas, a pleno sol e utilizando agroquímicos. Contudo, eles não abandonaram o consórcio de culturas, e



seguem cultivando entre as linhas de café, principalmente o milho e o feijão. Eles adotaram a adubação química, cujo resultado positivo em termos de produtividade era palpável. Quase todos chegaram a usar também os agrotóxicos. Porém, ao perceberem os riscos da exposição aos pesticidas, muitos produtores passaram a recusá-los, e surgiu um movimento local contra o uso dos agrotóxicos.

Sendo assim, não é possível situar a experiência dos produtores da Rede Sabor e Saúde da Serra apenas no modelo agrícola industrial ou tradicional. As práticas observadas sugerem que houve uma assimilação crítica das ferramentas da Revolução Verde, que pode ter feito parte da estratégia de sobrevivência de algumas famílias de agricultores. Consideramos esta situação um exemplo de resiliência da agricultura familiar, e mais uma mostra da sua capacidade de se adaptar mesmo a contextos econômicos desfavoráveis e transformações profundas (ALTIERI e TOLEDO, 2011). É certo que algumas concessões – como a adubação química – possuem efeitos negativos, tal como a perda de autonomia e a falta de cuidados com o solo, que são conceitos fundamentais para a agroecologia. Contudo, essa hibridização, tal como observado em outras localidades (BRAVO, 2021), pode ter evitado o apagamento total da cultura e das práticas agrícolas locais, e pode ter contribuído para que este grupo de agricultores se mantivesse na terra até os dias de hoje.

Em nossa experiência como técnicos, constatamos que a hibridização torna a luta contra a agricultura industrial e a defesa das pautas agroecológicas mais desafiadoras. Hoje, talvez seja reducionista e improdutivo de nossa parte apresentar a Revolução Verde para os agricultores como um modelo alienígena e invasor. Afinal, após mais de 50 anos, ela encontra-se muitas vezes imbricada nas práticas e no pensamento dos agricultores familiares (PAULINO, 2013; CABRAL, PANDEY e XU, 2021). A sua lógica está tão presente no meio rural que surgem absurdos como o *Round up*¹ orgânico. Ou seja, as suas ferramentas e soluções servem de inspiração até para pensar e nomear ferramentas alternativas. Por tudo isso, ao condenar a lógica da agricultura industrial, precisamos tomar cuidado para não nos distanciarmos também dos agricultores que incorporaram algumas de suas práticas.

O extensionista e o pesquisador que trabalham em prol da agroecologia não podem se furtar da realidade. E a verdade é que atravessamos um longo período que foi – e ainda é – desafiador para a agricultura familiar. Os que se propõem a embarcar nesta luta, devem enfrentar o modelo de produção agrícola industrial – ao qual muitos agricultores foram cooptados – sem perder de vista as necessidades materiais das famílias, ou colocar em risco suas fontes de renda. Vale lembrar que os agricultores familiares em questão não são personagens à parte, isolados das forças do mercado e engajados numa agricultura de subsistência. Estamos falando de agentes ativos de nossa sociedade, que estão inseridos em mercados regionais, nacionais ou internacionais. Neste contexto, é natural que eles compreendam e

¹ Este foi um dos nomes dado a soluções caseiras utilizadas por alguns produtores do grupo para realizar capinas químicas. Na maioria dos casos, a sua composição é incerta.



adotem as leis e comportamentos do sistema social vigente. Na prática, os papéis de responsável pela família e gestor de um empreendimento rural – inserido no mercado e que precisa gerar lucro – se confundem (PAULINO, 2013).

Hoje, muitas das soluções empregadas pela Revolução Verde fazem parte da estratégia dos produtores rurais para obter eficiência e produtividade, em um contexto de escassez de mão de obra e alta competitividade (ALVES et al. 2012; BUAINAIN et al., 2013). Por exemplo, o diagnóstico gerado pelo projeto de extensão apontou a mecanização como melhor investimento realizado nas propriedades como estratégia para contornar o problema da escassez de mão de obra. Essa escassez é gerada por uma rápida transição demográfica na zona rural – cujas famílias são cada vez menores - e o aumento do custo da mão de obra. Esta limitação também fez com que as famílias precisassem escolher como e onde concentrar a mão de obra disponível, geralmente focando em atividades mais rentáveis. Como resultado, observamos também a especialização da produção nas propriedades. Isso não significa que os agricultores estão deixando completamente de lado as suas culturas e tradições. No caso da especialização, nós verificamos que ela não é baseada apenas nas condições impostas pelo mercado, mas também pensada a partir da subjetividade e das histórias familiares. Ou seja, a experiência acumulada no seio das famílias – como as receitas e segredos de produção transmitidos de geração a geração – é mobilizada para que elas possam oferecer produtos diferenciados, cujos processos produtivos eles dominam e possuem afinidade.

Por tudo isso, a experiência dos produtores da Rede Sabor e Saúde ilustram a capacidade de adaptação dos agricultores familiares, que são capazes de planejar a produção considerando as movimentações do mercado, as suas possibilidades e inclinações pessoais, assim como eventuais mudanças profundas no contexto em que elas estão inseridas. Contudo, é necessário reconhecer as limitações de soluções pragmáticas que muitas vezes nos distanciam de modelos de sociedade mais justas e sustentáveis, tal como a visão proposta pelo movimento agroecológico. Como exemplo marcante, citamos o uso quase generalizado da adubação química – empregada por 12 dos 14 produtores do grupo -, que sacrifica o cuidado integral da terra, reduz a autonomia dos agricultores familiares e transfere renda destes trabalhadores para grandes empresas multinacionais (ALTIERI, 2009; ALTIERI e TOLEDO, 2011). Da mesma forma, a especialização da produção aumenta a vulnerabilidade das famílias do ponto de vista alimentar, social e econômico (CAPELESSO e CAZELLA, 2015).

Conclusões

As práticas agrícolas registradas no grupo apontam que, para além do fenômeno de cooptação dos agricultores pela Revolução Verde, houve também hibridização entre este pacote tecnológico e as práticas tradicionais que existiam na região. Isso, é importante registrar, não significa que a chegada da revolução verde foi um golpe menos doloroso para a agricultora familiar. Contudo, questionamos a habilidade das



leituras maniqueístas de capturar a complexidade e as nuances inerentes ao processo de aculturação, assim como a sua capacidade de explicar a realidade observada. Nossa interpretação sugere que uma assimilação crítica das ferramentas da Revolução Verde pode ter feito parte da estratégia de sobrevivência de algumas famílias de agricultores. E reconhecemos na hibridização um exemplo da sabedoria e capacidade de adaptação dos agricultores familiares.

Acreditamos que esta compreensão é fundamental para que, nos debates em defesa da agroecologia, tenhamos a clareza de quais são os nossos objetivos, sem nos esquecer também de quem são os nossos aliados. Neste sentido, a condenação pura e simples de práticas da agricultura industrial pode levar ao afastamento daqueles cuja missão da agroecologia é justamente incluir e empoderar. Não há possibilidade de agroecologia sem os agricultores familiares. Portanto, é preciso ter mente aberta para compreender a história dos agricultores e a realidade em que eles estão inseridos. Afinal, uma nova página da história da agricultura familiar deverá ser escrita a partir do ponto onde nos encontramos hoje. No entanto, questionamos até que ponto as soluções encontradas para superar os desafios contribuem para o avanço da agroecologia e da nossa sociedade em direção a ideais como justiça social, soberania alimentar e sustentabilidade. Em sua grande maioria, as soluções pragmáticas de curto prazo se conformam com o modelo social vigente, refém das forças de mercado. Enquanto isso, a sociedade vislumbrada pela agroecologia exige a superação deste modelo em prol de uma sociedade mais justa e sustentável.

Referências bibliográficas

ALIMONDA, Héctor. Una herencia em Manaos (Anotaciones sobre Historia Ambiental, Ecología Política y Agroecología en una perspectiva Latinoamericana). **Horizontes Antropológicos**, n. 25, p. 237-255, 2006.

ALTIERI, Miguel. Agroecología, pequeñas fincas y soberanía alimentaria. **Ecología Política**, n. 38, p. 25-35, 2009.

ALTIERI, Miguel; TOLEDO, Victor Manuel. The Agroecological Revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. **Journal of Peasants Studies**, v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011.

ALVES, Eliseu. et al. Um modelo de produção para a agricultura brasileira e a importância da pesquisa da Embrapa. **Revista Política Agrícola** n. 4, p. 35-59, 2012.

BRAVO, Rafael Ángel. Mestizaje, creolización, sincretismo e hibridización cultural a traves de los mercados populares en América. **Revista de Ciências Sociais**, v. XXVIII, n. 2, p. 322-336, 2021.



BUAINAIN, Antônio Márcio. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. **Revista Política Agrícola**, v. 22 n. 2, p. 105-121, 2013.

CABRAL, Lídia. PANDEY, Poonam. XU, Xiuli. Epic narratives of the Green Revolution in Brazil, China and India. **Agriculture and Human Values**, v. 39, p. 249-267, 2022.

CANCLINI. Nestor Garcia. Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, v. 3, n. 5, p. 109-128, 1997.

CAPELESSO, Adinor José.; CAZELLA, Ademir Antônio. Entre especialização produtiva e resiliência socioambiental: estratégias de reprodução social de agricultores familiares da Região Extremo Oeste Catarinense. **Sustentabilidade em Debate**, v.6, p. 33-50, 2015.

ESCOBAR, Arturo. Ecología Política de la Globalidad y la Diferencia. Ecología Política de la globalidad y la diferencia. In: ALIMONDA, Héctor (org.). **La naturaleza colonizada**: ecología política y minería en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, p. 61-91, 2011.

OLIVEIRA, Leonardo. et al. Educação do Campo e Agroecologia ECOAm na Zona da Mata Mineira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10., 2017, Brasília. **Anais eletrônicos do X CBA**. Brasília: Associação Brasileira de Agroecologia, 2018. (Cadernos de Agroecologia, v. 13, n. 1, 2018).

PAULINO, Jonatta Sousa. **Modernidade e Ciência**: tensões do discurso agroecológico. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.